

190

320

412

16

CIDADES



Fotos: Dornelio Gomes

Crianças Karajá estão aprendendo a língua nativa e recebendo aulas de cerâmica e palha na aldeia

# Índios Karajá lutam para resgatar cultura

Escola bilingüe ensina língua nativa às crianças e aulas de artesanato tentam recuperar tradição perdida ao longo dos anos de contato com o branco

CARLA BORGES

Os índios Karajá que vivem na reserva de apenas dez mil metros quadrados de área dentro da cidade de Aruanã estão mobilizados para não deixar desaparecer a tradição da nação a que pertencem. No local, 48 pessoas distribuem-se em 11 casas, sendo que 90% dos índios se casaram com brancos. A convivência com turistas e com a população da Cidade praticamente fez desaparecer a língua e os costumes Karajá. Hoje, as crianças frequentam uma escola bilingüe na reserva não para aprender o português, que dominam bem, mas o Karajá. Elas também estão aprendendo a trabalhar a cerâmica e peças de palha, marcas do artesanato dessa comunidade.

"Tenho nove filhos e o menor, de 3

anos, ainda não aprendeu Karajá, só sabe falar português, que aprendeu com as pessoas e na televisão", conta Raul Hawakati, um dos únicos que mantém a tradição. É casado com uma índia e entre eles só falam o idioma indígena. Quando responde a idade, 41 anos, tem uma explicação na ponta da língua para o fato de parecer ter bem menos: Raul foi criado dentro da tradição Karajá. Uma das regras é de que os homens não devem fazer nenhum tipo de trabalho enquanto jovens. "Só conectei a trabalhar com roça e artesanato depois de casado, por isso pareço mais jovem", diz ele.

**Casamentos-** O motivo de tantos índios e índias se casarem com brancos, explica Raul, é que pertencem a uma mesma família. "Se não fosse assim, seria irmão casado com irmã, sobrinha ou prima", diz. Outra providência dos Karajá de Aruanã foi a criação de uma associação, legalmente constituída, com a finalidade de participar de projetos elaborados por indigenistas e antropólogos, principalmente da Universidade Católica de Goiás, sem esbarrar em muita burocracia.

Raul, que deixou a chefia da reserva há pouco tempo, já escreveu quatro histórias sobre a reserva Karajá de Aruanã e lendas de sua tribo, que estão sendo repassadas às crianças. Sábado é dia de aula de cerâmica. Os homens ensinam os meninos e as mulheres se incumbem das meninas. Entusiasmado, Raul Hawakati faz planos de quando os índios terão uma filmadora, para registrar festas, rituais e outras tradições, que serão deixadas como herança para as crianças, que, mesmo miscigenadas pelos casamentos com não índios, têm o sangue Karajá nas veias.

O índio mais velho da reserva Karajá de Aruanã é Luiz. A idade ele não sabe, justificando que é da época em que os índios não contavam os anos que viviam. Luiz é um exemplo de distanciamento da cultura que agora os Karajá querem recuperar. Ele deixou a aldeia aos 16 anos e, desde então, conviveu sempre com brancos. Está no segundo casamento (ambos com mulheres brancas). Luiz não conhece mais a língua de seu povo, fala apenas o português.

## Falta de palha impede restauração de casas

Raul Hawakati é pago pelo governo estadual para tomar conta do Centro de Cultura e Educação Indígena Maurehi, inaugurado em dezembro de 1994 junto com a escola bilíngüe, ambos projetados pelo professor e indigenista da UCG, Mário Arruda. Quando fala do professor, aliás, Raul não esconde a admiração e a gratidão. "Ele começou a nos ajudar em 1984 e nessa época restaurou as casas de palha que estavam caindo", conta. Cheio de vivacidade e clareza de raciocínio, Raul explica por que a necessidade de um professor branco restaurar casas, sendo que os índios dominam a arte de trabalhar com palha.

O problema está na falta de palha e de madeira para construir casas nos moldes das que sempre foram erguidas nas aldeias Karajá. "O professor sabe como chegar nos fazendeiros para pedir", justifica o índio. Como a reserva possui apenas dez mil metros quadrados, não há madeira. Para conseguir esse tipo de matéria-prima, os índios precisam pedir autorização aos fazendeiros para retirá-la. Alguns concordam com a exploração da madeira, mas a maioria acaba não permitindo a entrada dos índios em suas terras.

Com relação à palha, a situação é mais crítica. Hoje em dia, de acordo

com os índios, é praticamente impossível conseguir palha de boa qualidade perto do rio Araguaia. "Os fazendeiros desmataram quase tudo", lamenta Raul Hawakati. Depois do desmatamento, quando novas palmeiras estão brotando e crescendo, os animais comem, principalmente as vacas. O projeto original do centro de artesanato e da escola bilíngüe previa a cobertura de palha trançada, mas acabou cedendo lugar para as telhas de cerâmica. "Um telhado de boa palha dura até quatro anos, mas depois precisa ser renovado. Se não encontrássemos palha, como ficaria?", indaga o Karajá.

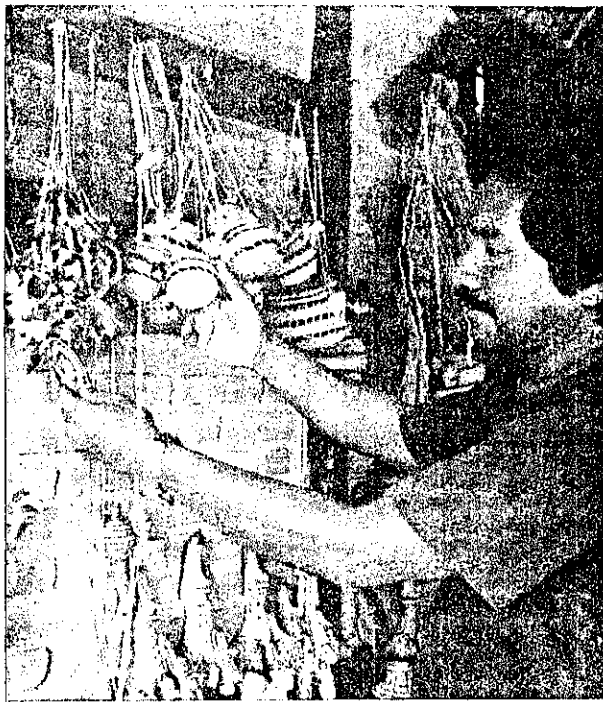
## Artesanato para turistas na temporada

Depois de uma temporada turística considerada fraca, os índios Karajá de Aruanã já voltaram aos trabalhos braçais, principalmente de pedreiro, que desenvolvem quando a cidade não está tomada por turistas. No mês de julho, eles se dedicam exclusivamente à confecção de peças de artesanato para vender aos milhares de turistas que visitam o rio Araguaia. A venda de artesanato não rendeu muito este ano. "Esperávamos muito mais gente, a exemplo de outras temporadas e mesmo do ano passado, mas o movimento foi pequeno", reclama Raul Hawakati.

Ele acredita que faltaram eventos para animar a temporada, como aconteceu outras vezes. "Antes as rádios de Goiânia promoviam shows e traziam artistas de fora, o que fazia a Cidade ficar completamente cheia e dava lucro para todos", lembra. Para comprovar seu raciocínio, Raul Hawakati conta que no dia 20, quando da chegada da 5ª. Caminhada Ecológica, a festa na praça principal da Cidade e a movimentação dos turistas lembraram as temporadas anteriores. "No dia seguinte, domingo, já não havia tanta gente", observa o índio.

Nessa temporada não foi registrado nenhum tipo de incidente envolvendo índios e turistas. O relacionamento, de acordo com Raul Hawakati, foi exemplar. As pessoas que se interessaram por peças de confecção indígena procuraram o Centro de Cultura e Educação Indígena Maurehi. "Muita gente disse que achava melhor comprar as peças nas próprias casas dos índios, porque considerava mais original", lembra Raul, divertido.

**Ritual** - Uma burduna é um banquinho são as peças mais antigas em exposição no centro de artesanato, mas não estão disponíveis para a venda, fazem parte de um pequeno acervo da comunidade. A burduna é um instru-



Raul Hawakati é um dos poucos que preserva a cultura da tribo

mento até hoje utilizado na caça pelos índios de outras aldeias. Já o banquinho faz parte da preparação para o ritual do Aruanã. Sobre o pequeno móvel, os índios mais velhos das aldeias preparam os jovens de 9 a 10 anos para, depois de uma espécie de prova, poderem participar do ritual.

A cabeça do menino é raspada e todo o seu corpo pintado com tinta preta. Os mais velhos também perfu-

ram o lábio inferior do adolescente com um osso de macaco e ele está pronto. Toda a comunidade e índios de aldeias vizinhas são chamados para assistir ao ritual de preparação para a festa de Aruanã. A preparação é rápida, feita em apenas um dia, mas a festa pode durar até cinco meses, onde os índios comemoram as roças fartas. Para os Karajá de Aruanã, entretanto, essas festas estão esquecidas no passado.